



## RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA COMO RESGATE DE UMA CARREIRA POLÍTICA

Cileide Alves Cunha<sup>1</sup>

Durante dois anos tive a oportunidade de compreender a elaboração e a construção da memória política de Iris Rezende Machado, que inscreveu seu nome na história goiana por meio de uma sólida e longa carreira política. Iris aceitou narrar sua vida para um projeto de pesquisa que culminou com a dissertação *Aval do Passado: Iris Rezende – Memória e Política (1958–1982)*.<sup>2</sup> Ele falou com entusiasmo de recordações que lhe agradavam e com visível tristeza, até constrangimento, daquelas que o fizeram sofrer em 18 entrevistas entre dezembro de 2006 e fevereiro de 2008. Fez um longo e difícil exercício em busca de lembranças de fatos e de eventos relevantes que marcaram não apenas sua vida pessoal, como também a cena política goiana no período em que foi um dos protagonistas. Suas lembranças surgem de sua própria construção, são reconstituídas por seu olhar, o que as diferem das de outros atores sociais que com ele compartilharam os mesmos fatos.

As dificuldades de um trabalho com este propósito estão nas armadilhas que surgem naturalmente no decorrer de uma pesquisa calcada na memória. O discurso de quem lembra constrói um romance de sua vida, para concordarmos com a escritora espanhola Rosa Montero (2004). Em Halbwachs (2006), a memória é sempre coletiva. Não nos lembramos da primeira infância, diz, porque não éramos um “ente social”, isto é, porque não nos relacionávamos em grupo e, portanto, não podemos contar com a memória desse grupo para construir a nossa própria.

1. Jornalista e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás.

2. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciência Humanas e Filosofia da UFG em 29 de setembro de 2008, orientada pelo prof. dr. Noé Freire Sandes.

A memória individual é, para o autor, um “ponto de vista sobre a memória coletiva”, e esse ponto de vista muda dependendo do lugar que a pessoa ocupa em determinado momento de sua vida. O indivíduo que lembra não é o mesmo que presenciou ou protagonizou os fatos. Isso é muito claro na narração que Iris Rezende faz de seu passado, agora com a maturidade de quem estava às vésperas de completar seu cinquentenário de carreira política. Ele sempre deixa escapar uma análise do fato durante sua narração, como se seu ponto de vista atual dirigisse a narrativa. Relata o fato como o enxerga a partir do lugar em que se encontra neste momento. É esse ponto de vista que dá mais relevo a um fato e menos a outro.

A investigação do relato autobiográfico de Iris Rezende possibilitou identificar sua própria memória, sem se esquecer da influência de seu grupo sobre ela. Isso implicou relacionar a memória do narrador com os acontecimentos contemporâneos aos fatos lembrados. O sujeito da história não pode ser visto isoladamente, como um herói que construiu tudo sozinho, nem ser tratado como mero fruto das estruturas políticas, econômicas e sociais, como se os fatos históricos ocorressem independentemente das percepções e das intenções dos personagens neles envolvidos.

A memória de Iris apóia-se nos fatos e eventos por ele vividos e na sua construção narrativa desses acontecimentos. Para reconstruí-los ele sai de seu dia-a-dia, mergulha em seu passado e refaz lembranças que ganham novo sentido na narrativa atual. As entrevistas foram concedidas por ele nos momentos em que pôde dedicar-se com mais tempo a seu passado. No início, houve longos intervalos entre as conversas. Elas nunca ocorreram em seu gabinete de trabalho, no Paço Municipal. A maioria

realizou-se em sua casa, em um isolamento que lhe permitia desligar-se da rotina de trabalho, para se voltar inteiro ao passado.

O desejo de acertar as contas com o passado surgiu no momento preciso em que retornou à vida pública com a clareza que estava fechando um ciclo. Vale lembrar que sua trajetória política esteve em ascensão entre 1958 (sua primeira vitória eleitoral) e 1998 (sua primeira derrota). Em outras épocas de sua vida, quando apenas as vitórias eleitorais lhe faziam companhia, Iris Rezende foi procurado por um jornalista e, depois, por um escritor com a proposta de escrever sua biografia. Ele não rechaçou a idéia, mas ela não se concretizou sob a justificativa de falta de tempo, dele ou do futuro biógrafo. Ele não percebeu, entretanto, que as razões não eram de ordem prática. Com uma carreira em alta, no auge de seu poder político, não sentia naquele momento desejo de dar sentido à sua carreira e, conseqüentemente, à sua vida. Essa necessidade costuma surgir em ocasiões de perda. “O gesto autobiográfico tornou-se uma das mais procuradas formas de workshops terapêuticos, na medida em que promete uma cura das experiências traumáticas da perda pela memória” (Feitosa, 2002, p. 55).

O insucesso bateu à porta de Iris Rezende em 1998, quando perdeu sua primeira eleição que parecia ganha, na véspera, para o pouco conhecido candidato Marconi Perillo (PSDB). A derrota colocou em xeque um poder político até então inquestionável. Ainda assim lhe restaram quatro anos de mandato de senador e uma forte liderança política em Goiás. Mas a derrota apresentou-se a ele novamente quatro anos depois, deixando sequelas maiores ainda do que da primeira vez. Em 2002, Iris Rezende não se reelegeu para o Senado: ficou sem mandato, e sua força política foi fortemente abalada.

Desta vez ele sentiu a força de todas as perdas reunidas: a derrota de 1998, a desconstrução de seu nome e o de sua família com um escândalo político, e a nova derrota de 2002, esta com o agravante de deixá-lo sem cargo, depois de 19 anos de mandatos ininterruptos. Iris sentiu-se um perdedor em 2002, sentimento que só havia experimentado uma única vez em sua vida, em outubro de 1969, quando teve o mandato de prefeito de Goiânia cassado no auge de sua popularidade e com a carreira em ascensão.

O retorno à vida pública em 2004, pela porta da prefeitura de Goiânia, possibilitou-lhe recuperar a voz e, consequentemente, a narrativa de sua vida política. Uma “vontade de poder”, não uma “vontade de verdade” – como bem destaca Feitosa (2002, p. 57) a respeito do que move o sujeito que opta pelo discurso autobiográfico –, guiou o gesto de resgate autobiográfico de Iris Rezende. Com essa atitude, ele procura retirar seu passado do cativado, resgatá-lo do poder alheio, representada por seus adversários na política goiana que escreviam um novo desfecho para sua carreira.

O ideal de posteridade presente em Iris Rezende foi ameaçado com o risco de esfacelamento de sua carreira a partir de 1998. Isso o levou a procurar um lugar de memória.<sup>3</sup> Esse lugar é socialmente construído. O indivíduo pode até mesmo buscar perpetuar-se no tempo, mas somente o reconhecimento social e o culto ao passado é que transformam o empreendimento memorial em lugar. “Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (1993, p. 9). Iris aceitou

---

3 Pierre Nora (1993) chama de “lugares de memória” os museus, bibliotecas, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários etc. São, enfim, todos os “marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade”. É nesse sentido que aproveito a idéia de Nora. A autobiografia para Iris é como um “lugar de memória”. É neste “lugar” que ele pretende fazer a “representação do passado” de que nos fala Nora.



narrar suas lembranças para um projeto de pesquisa sobre as suas memórias movido por essa “vontade de poder” de colocar sua carreira política dentro da história.

Em um momento particular de angústia, Iris Rezende começa a procurar sua identidade perdida nas derrotas eleitorais: até 1998 era o principal líder político da história contemporânea do Estado; a partir daquele ano, nasce a imagem, lapidada por seus adversários, de um político decadente, preso a um passado e a um fazer político anacrônico. Como “elemento essencial” de sua identidade, a memória pessoal dos fatos vividos lhe dará o rumo para se reencontrar novamente na identidade perdida. Mesmo que de forma inconsciente, Iris percebeu que a imagem que começou a ser construída sobre sua carreira enterraria um passado político que só conheceu vitórias.

A imagem pública a respeito de sua pessoa divide-se em duas fases. A primeira começou a ser esculpida a dedo no início de sua militância política, há mais de 50 anos, pelo movimento estudantil. É um período de vitórias marcado por dois momentos fortes: a administração “revolucionária”, segundo suas palavras, na prefeitura de Goiânia, interrompida pela cassação, em 1969; e o retorno à atividade política com a vitória fragorosa para governador de Goiás, em 1982. Essa fase lapidou a imagem de um Iris Rezende poderoso, popular, de um bom administrador público. Uma imagem reconhecida por gerações que sustentaram eleitoralmente sua carreira até 1998. A derrota nesse ano marca o início da segunda fase de sua carreira, já não mais de vitórias, mas de perdas e danos.

Gerações pós-1998 não conheceram a imagem do político vitorioso. Elas começaram a formar uma opinião a respeito de Iris alimentadas por informações de seus rivais. Começou a surgir uma imagem pública bem diversa da anterior. Dois movimentos estimularam seu retorno à cena política: um interno, de busca da identidade perdida através da reescrita de seu passado, recuperando a memória dos bons tempos vividos; e outro externo, para interferir na construção de sua imagem pública.

A ausência de memória de uma vida inserida na memória coletiva pode representar o esquecimento desse indivíduo pelas sociedades futuras. Cair no esquecimento ou existir a partir da construção de uma memória indesejada são ameaças reais ao desejo de poder de um “herói homérico” (Fabrini, 1996). Iris Rezende utiliza-se de suas lembranças dos tempos vividos para salvar seu passado e, conseqüentemente, servir ao seu presente e, principalmente, a seu futuro. Como narrador de sua própria história de vida, Iris luta pelo poder de passar uma borracha sobre a memória indesejada, construída individualmente e difundida coletivamente, para colocá-la na categoria das inverdades.

Se a memória não é a reprodução intacta de fatos vividos, mas a percepção desses fatos por quem os lembra, e esse lembrar muda dependendo do momento da vida de quem lembra, ele quer empurrar a memória indesejada para o vão do esquecimento. Impede assim que ela seja vista como o motor de sua história, mas apenas como um momento ruim, passageiro. Iris fez a sua reinterpretação do passado com os elementos que dispunha no presente. Nesse exercício prático, abriu mão da linearidade temporal, substituindo-a pela simultaneidade: no momento em que lembrou acontecimentos do passado, trouxe-os por meio da narrativa para o presente. O passado tornou-se presente, pela lembrança, na narrativa

### **Carreira política, opção de uma vida**

Entre os fragmentos que compõem a identidade de Iris Rezende, um é preponderante, o Iris político. Nesse aspecto, ele lembra o “sujeito sociológico” de Hall (2006), que interage com a sociedade, mas que mantém um núcleo, uma essência em sua identidade, em função de sua opção pela política. Em sua longa narrativa, ele deixa muito claro que a política é a sua vida, que esta sempre esteve em primeiro lugar, até mesmo em relação à família: “Não fui um bom marido e um bom pai”. Iris não se casou jovem, mas aos 32 anos de idade. Foi a política que colocou Iris Araújo, a mulher com que se casou quando já era deputado estadual, em seu caminho. Ele a conheceu em um evento social do qual participou por ser vereador. Mesmo casado e pai de três filhos, ele se dedicou muito mais integralmente à política do que à família.

Por isso, para chegar mais perto do perfil biográfico de Iris Rezende, não será equívoco percorrê-lo por seu traço principal, a carreira política. Iris Rezende construiu uma carreira aos moldes das carreiras estruturadas no campo político brasileiro: uma carreira hierarquizada, com formato piramidal (Miguel, 2003). Começou pelo cargo de vereador, a posição eletiva de menor prestígio político e na base da pirâmide, para em seguida subir

em direção ao topo elegendo-se deputado estadual, prefeito de Goiânia, governador (dois mandatos) e senador, mandatos intercalados com os cargos de ministro, da Agricultura (1986–1989) e da Justiça (1997–1998). Ele almejou chegar ao alto da pirâmide, no cargo de presidente da República, projeto barrado por sua derrota para Ulysses Guimarães e para Waldyr Pires no primeiro turno da convenção que escolheu o candidato do PMDB à Presidência da República para a eleição de 1989.

Iris Rezende construiu uma carreira que Girardet (1987) denominaria de “normal”. Como Antoine Pinay (primeiro-ministro da França entre 1952 e 1953), “um herói da normalidade”, segundo Girardet, Iris sempre se apresentou como um homem simples, saído do meio do povo, dando a idéia de um “homem qualquer” quando se misturava à população. Circulava entre os eleitores vestido como eles, em mangas de camisa. Quando se elegeu vereador, em 1958, ficou satisfeitíssimo ao conceder sua primeira entrevista a um jornal (*Folha de Goiaz*) como o vereador mais votado da “história de Goiânia”, pois era um estudante não habituado ao mundo que se descortinava com sua eleição.

Suas primeiras fotos públicas são a imagem do provincianismo: ele aparece ao lado do pai, Filostro, e da mãe, Genoveva, e ao lado do repórter (não identificado pelo jornal) na segunda foto na capa da *Folha*, ilustrando essa primeira entrevista (*Folha de Goiaz*, 2.11.58, p.1). No dia da posse como vereador, sentiu-se embaraçado. Chegou à solenidade com a melhor roupa de um estudante: camisa abotoada até em cima e de paletó, diferente da calça. Encontrou outros vereadores elegantíssimos e engravatados (*Revista Realidade*, 1966, p. 22).

Era em tudo um homem médio, seguindo a descrição de Girardet sobre Pinay. Médio na origem social: filho de mãe dona de casa e pai oleiro e depois produtor rural; médio na carreira política: começou como a média de seus colegas, pelos cargos mais baixos, que, em seu caso, ainda incluiu o grêmio estudantil, antes do primeiro posto na base da pirâmide. Como um homem médio ele se iguala ao cidadão, que se reconhece nele. Em entrevista à *Folha de Goiaz* (2.11.58) quando se elegeu vereador mais votado de Goiânia, Iris havia destacado sua ligação com o trabalho na zona rural: “Meus dedos cresceram no cabo da enxada.”

Em outra entrevista quatro anos depois (*O Popular*, 18.11.62, p. 3), quando se elegeu deputado estadual, ele novamente voltou ao tema: “Fui criado no cabo da enxada e conheço as agruras do homem do campo.” Naquela época, a grande maioria da população goiana (69,7%) ainda vivia na zona rural (IBGE), o que explica sua estratégia de ressaltar suas origens rurais, pois sabia que era um passo para a identificação do eleitorado com

ele. Iris queria se apresentar como um goiano médio, criado na zona rural, que enfrentara a dura lida do campo, que aprendeu a trabalhar e que foi para a cidade grande estudar em busca de crescimento pessoal e econômico, como fazia boa parte dos goianos naquela época, pois a migração do campo para a cidade já havia começado, provocada pelo início da expansão das fronteiras agrícolas em Goiás.

Essa particularidade de sua geração o aproximou ainda mais da população: ele e milhares de goianos de sua época viveram a experiência de migrar da cidade pequena para a capital em busca de estudo e de oportunidade de trabalho. Como a maioria, ele foi um “estrangeiro” em Goiânia, uma cidade formada por “forasteiros” (convém lembrar que até 1995, dados do IBGE mostram que mais de 50% da população de Goiânia não havia nascido na cidade, e, destes, a maioria vira do interior do Estado).

Iris não é o político das teorias, das discussões ideológicas entre direita e esquerda, de debates sobre sistema e regime de governo. É um político prático. Seu objetivo é construir, realizar projetos que interfiram diretamente na vida da população. Assumiu administrações públicas (prefeitura de Goiânia, governo do Estado) com a ambição de “recolocar a casa em ordem”, propiciar o retorno à normalidade administrativa, com pagamento em dia dos salários de funcionários e de fornecedores e retomada de investimentos públicos.

Ele é o retorno à estabilidade administrativa; o político por vocação que faz política para chegar à administração pública. É um executor, não um parlamentar. Os mandatos no Parlamento (vereador, deputado estadual e senador) foram trampolins para o Executivo. Iris Rezende também não é um doutrinador; é representativo de certo estilo de vida dos goianos: conservador, trabalhador e madrugador, como boa parte de seus contemporâneos.

Sua formação política também seguiu a normalidade, como nos mostra um percurso pelo espaço social por onde circulou,

o campo político e o subcampo (o partido político). Bourdieu (1989) nos informa que a ação política é monopólio dos profissionais, exercida no campo político e seus subcampos, e com regras próprias para quem quer aderir a esse jogo. Os que almejam tornar-se um profissional da política precisam passar por uma “iniciação”, a fim de adquirir “competência específica” para entrar no campo com alguma probabilidade de sucesso nesse jogo.

A acumulação de “*corpus* de saberes específicos” inclui desenvolver as habilidades de tribuno, necessárias na relação com o público; de debatedor, para as relações com os demais profissionais; conhecimentos sobre a conjuntura, como dados econômicos, além de conhecimento do trabalho político produzido pelos profissionais do presente e do passado, a história política do seu campo. Fundamental, nesse “rito de passagem”, é ter o “domínio prático” da luta política no campo, que é ao mesmo tempo campo de luta e campo de forças políticas. Isso significa conhecer os discursos políticos, entender o que pode ser dito e o que é indizível; o que é pensável e impensável e, claro, compreender o indizível e o impensável do discurso do concorrente.

Aprender a dominar um partido faz parte das regras do jogo político. Quem domina essa habilidade conseguirá “impor seus interesses de mandatário como sendo os interesses de seus mandantes”. Bourdieu destaca o aprendizado sobre as tomadas de decisões. Com o “sentido prático” das tomadas de decisões, adquirido graças ao domínio do espaço e das tomadas de posição atuais e potenciais, o agente tem condições de “escolher” as posições “convenientes e convencionadas” e evitar as comprometedoras. Esse sentido do jogo político que permite ao político prever as tomadas de posição dos outros e se tornar previsível é a base para a lealdade. Previsíveis, eles se tornam dignos de confiança, prontos para desempenhar, sem traições, o papel que lhes cabe na estrutura do espaço do jogo. Essa adesão, que Bourdieu considera “fundamental”, é a exigência mais absoluta feita pelo jogo político. Com esses saberes e competências, o político vai formar e ampliar seu capital político, ter sua legitimidade reconhecida para agir na política, para representar um grupo de pessoas, tanto os eleitores quanto os membros do partido (1989, p. 164–173).

As diretrizes de Bourdieu para a atuação no campo político nos ajudam a iluminar a trajetória de Iris Rezende pelo campo e pelo subcampo da política goiana. Iris trilhou um percurso parecido com o identificado por Bourdieu para sair da condição de aspirante para a de profissional da política. Seu treinamento começou no grêmio estudantil, como representante de classe. Nessa época, ele encantou-se com os cursos de oratória, e, antes de disputar as eleições estudantis, exercitava-se falando em público nas reuniões



e nos encontros estaduais dos grêmios. Chegou a ter um “orientador” de oratória, um amigo seu, Domiciano de Faria, anotava os erros de seus discursos e depois os corrigia em particular, conforme Iris revela em uma de suas entrevistas. Nessa fase, Iris se esforçava não só para aprender a discursar, mas também a corrigir vícios da linguagem da roça, da qual se envergonhava.

Quando disputou a eleição para vereador, já se sentia um orador, habilidade que ele se orgulha de dominar bem. Além de aprimorar sua linguagem e ter autocontrole, Iris desenvolveu sua própria técnica para prender a atenção e encantar seu público. Ele identifica os interesses do grupo para o qual vai discursar, para depois escolher o conteúdo da fala. Em uma eleição estadual, por exemplo, ele fará um discurso para Goiânia diferente do destinado a Inhumas. Ele usará de “perspicácia e psicologia” para descobrir o que sensibilizará o público de cada cidade e, na mesma cidade, de cada bairro. Uma técnica que ele aperfeiçoou com maestria, principalmente para os comícios.

Em entrevista para esta autora, o publicitário Hamilton Carneiro afirma que Iris modifica-se sobre um palanque: “Ele se emociona, se entusiasma, gesticula, e emociona o público”. Carneiro conta que Iris faz uma “varredura do público” enquanto outros oradores falam: observa todas as pessoas até onde o olhar alcança. Na sua hora de falar, diferentemente dos outros políticos que olham para a multidão, ele mira individualmente cada pessoa que identificou na plateia; olha em seu olho enquanto fala, para criar um elo com o ouvinte. Durante o discurso, ele vai perseguindo cada olhar. Segundo Carneiro, ele não fala para o coletivo, mas para o indivíduo.

Iris adquiriu outras competências para ampliar seu espaço no campo e no subcampo políticos. Seguiu passo por passo, em um “lento processo de ascensão social” e

“fiel a seus vínculos provincianos”, sem atropelos, como fica explícito em sua narrativa ao longo das 18 entrevistas. A oratória, a filiação a um partido, a troca de partido, uma única vez em toda a sua carreira, por perceber que precisava de um abrigo com raízes fortes, as estratégias para a sobrevivência política, como a aproximação com a família Ludovico, e a construção de uma identidade política formam o “*corpus* de saberes específicos” que o transformaram em um profissional da política goiana e o ajudaram a construir seu patrimônio político.

As entrevistas com Iris possibilitaram conhecer sua trajetória política: sua vocação para a política, sua inserção no campo político e a escolha de um subcampo para exercer sua vocação, primeiro com um agente, posteriormente como porta-voz desse subcampo; a construção de sua imagem de homem público, com a difusão da marca de administrador eficiente; seu estilo popular de se relacionar com o eleitor e de administrar, simbolizado pelos mutirões – presentes em suas gestões desde o primeiro cargo executivo na prefeitura de Goiânia, na década de 60, até hoje.

Seu primeiro mandato de prefeito, 1966–1969, foi o laboratório das práticas que, depois, aperfeiçoou em outras gestões: o mutirão de limpeza dos bairros (realizado às pressas no início de sua gestão para dar uma satisfação à sociedade impaciente pelo início de obras, e também para suprir a falta de mão-de-obra da prefeitura para grandes tarefas), a construção de obras em ritmo acelerado (na época ele asfaltou os principais bairros da cidade, como os Setores Oeste, Sul, Aeroporto, Bairro Popular, urbanizou praças, e abriu novas avenidas), a exibição pelas ruas da cidade, em carreatas barulhentas, de equipamentos públicos adquiridos para a cidade (como os brinquedos que importou dos Estados Unidos e da

Alemanha para o Parque Mutirama, em 1969) e a realização de grandes festas de inaugurações (como o banquete que tomou conta dos 2 quilômetros duplicados da Avenida Anhanguera, em Campinas) são gestos bem pensados de construção de sua imagem de homem público.

Ser um bom administrador, em sua opinião, é gerenciar o bem público como se gerencia uma empresa particular ou um orçamento doméstico, com cuidados básicos, como fazer economia, controlar gastos, formar uma boa equipe de assessores e ter prioridades administrativas. É importante observar que, em sua estratégia de promoção política, Iris divulga as dificuldades encontradas quando toma posse e depois as realizações, sem explicar como resolveu a crise financeira e conseguiu recursos para as obras. Essa estratégia induz o eleitor a acreditar que tem superpoderes administrativos, e a transformá-lo em mito, isto é, em um político ímpar em gestão pública.

Iris Rezende foi cassado no auge de sua popularidade, quando era visto como o administrador que mudava a feição da cidade. Fora do palco principal da política por dez anos, ele passou a construir sua liderança no campo legendário. Por meio da advocacia criminal, que ele escolheu propositalmente, porque poderia continuar a falar ao povo por meio dos júris, ele impediu que seu nome caísse no esquecimento, mantendo um ambiente político favorável a seu retorno, em 1982, no ponto em que fora interrompido em 1969, ou seja, pela sua campanha para se eleger governador de Goiás.

Como o “mercado” da política é restrito, Iris acatou as regras do jogo político e escolheu um oligopólio para a sua militância partidária, a força hegemônica do PSD de Pedro Ludovico. Apesar de já ser relativamente conhecido, ele entra para o grupo como mais um “agente” do grupo político, para seguir seu “porta-voz” (Pedro Ludovico), isto é, o líder “dotado do pleno poder de falar e de agir em nome do grupo” (Bourdieu, 1989, p. 158–159). Iris adere a esse subcampo político disposto a aumentar seu capital político para disputar com os demais agentes o acesso às posições mais elevadas no concorrido e fechado mercado da política.

Como o campo político é um local entendido ao mesmo tempo como “campo de forças e campo de lutas”, Iris integrou-se a ele interessado em transformar a relação de força interna (Bourdieu, 1989, p. 164) para se incluir entre aqueles com voz ativa. A inovação política de Mauro Borges era conveniente a Iris, pois

justificava sua adesão: ele não estava aderindo às práticas políticas tradicionais de Pedro Ludovico, as quais combateu no movimento estudantil, mas ao PSD renovado representado por Mauro. Com menos de 30 anos de idade, ele se sentia mais próximo do filho do que do pai, pois Mauro simbolizava o novo e os ideais de modernização das estruturas administrativas do Estado, que inspirariam Iris no comando da prefeitura de Goiânia.

Iris aderiu ao grupo de Pedro Ludovico e investiu em sua popularidade e na conquista da confiança da família Ludovico. Ele aderiu às “regras do jogo”, como todo “agente” deve fazer para interagir no complexo sistema de relações do campo político. Uma dessas regras, conhecida dos “iniciados” (Bourdieu),<sup>4</sup> é a sutileza do discurso político. A complexidade da linguagem dos agentes políticos costuma ser inacessível ao público, porque trata dos conflitos existentes nas relações dentro do campo político. A concorrência não se dá apenas na relação entre os partidos, mas internamente, entre as tendências e correntes que se abrigam sob o guarda-chuva de uma legenda (1989, p. 178). O silêncio é uma grande aliada na guerra relacional no campo político, conforme Iris aprendia na prática.

Iris aprimorava sua prática política nessa relação interna no campo político, mas ele tem certeza de que teve mais facilidade que outros políticos para conhecer o mecanismo interno de funcionamento desse “mercado” porque nasceu com vocação para a política. Acredita que essa aptidão é um dom, uma graça divina. Há dois modos, segundo Weber, de um político fazer da política sua principal vocação: “viver ‘para’ a política ou viver ‘da’ política” (1982, p. 105). Compõem o primeiro grupo aqueles que fazem da política “a sua vida, num sentido interior” (1982, p. 105). O político que vive para uma missão também vive da missão, economicamente falando. Viver da causa é uma consequência da primeira opção, que é lutar por esse ideal.

---

4 O iniciado, segundo Bourdieu, é o político que já adquiriu o “corpus de saberes específicos” para ter o “domínio prático” da lógica interna do campo político (1989, p. 169).



Iris Rezende é um tipo de político vocacionado, não vive a política apenas ocasionalmente, vive-a diuturnamente. Ele não tem prazer em outras atividades. Não gosta de frequentar restaurantes, cinemas, clubes; de viajar de férias. Seu talento, que ele considera nato, no entanto, foi treinado, estimulado. Iris lapidou seu talento, por anos seguidos, desde quando treinava em cursos de oratória no grêmio estudantil, passando por experiências que lhe ensinaram a tomar decisões, como a de escolher um partido político grande para se filiar, a conhecer as regras do jogo do campo político, a definir seu estilo político (“meu lema é fazer”) e difundi-lo entre o eleitorado até se transformar no político que sobrevive do mesmo ofício há 50 anos.

Ele vive sua vocação política nas formas definidas por Weber (como um político que vive para uma missão e também vive da missão) e por Bourdieu (serve os interesses de seus eleitores na medida em que também se serve). Sua atuação política vive um círculo virtuoso: ele serve seus dois públicos-alvo – seu eleitor e seus concorrentes/correligionários (os agentes do campo político) –, um cuidado que lhe rende dividendos políticos (prestígio entre os profissionais da política) e eleitorais (votos). Ele joga o xadrez político dentro do campo político da mesma forma com que se dedica à construção de sua imagem junto ao público externo, e, nas palavras de Bourdieu, seu discurso político é afetado por uma duplicidade que resulta da necessidade de servir ao mesmo tempo às lutas internas e às lutas externas.

Segundo Weber, há três “justificações” para o domínio exercido por um líder. O domínio tradicional, exercido pelo patriarca; o domínio carismático (“dom de graça”),

que é pessoal e exercido na política “pelo governante plebiscitário, o grande demagogo ou o líder do partido político” e o domínio da legalidade (o burocrático), que existe em função da fé no estatuto legal. “Compreende-se que, na realidade, a obediência é determinada pelos motivos bastante fortes do medo e da esperança” (1982, p. 99). A liderança carismática, segundo Weber, é a raiz de uma vocação política “em sua expressão mais elevada”. Os homens obedecem a esses líderes não por tradição ou lei, mas porque acreditam neles. O domínio carismático contrasta com qualquer tipo de dominação burocrática.

Iris Rezende carrega marcas de uma liderança carismática. Destaco sua convicção de que ele foi preparado para cumprir uma “missão”. Ele nasceu em uma comunidade evangélica, recebeu uma educação “sustentada pela Bíblia”, para “ter respeito maior pelas coisas e pessoas”, trabalhou duro na roça “para conhecer como viveu a maioria da população goiana” antes do êxodo rural e depois experimentou o drama dos migrantes na cidade e sofreu como eles a difícil adaptação à vida urbana. Sua obsessão por gestões inovadoras é também um traço de seu carisma. Destaco ainda na configuração do carisma de Iris Rezende seu cuidado com a formação da equipe de auxiliares e com o controle da estrutura partidária.

Como considera que recebeu o chamamento para a política com a missão de ajudar as pessoas e de mudar a administração pública, Iris diz que teve de ser “corajoso”, ter “atitude” e “iniciativa”, estar pronto para qualquer tipo de embate. Ele tem revelado ao longo de sua carreira, ser um político que sabe tomar decisões, mesmo as impopulares, compensando-as promovendo grandes festas quando as decisões são populares; um político que

enfrenta os embates políticos procurando manter o equilíbrio. É um conciliador, não é ideológico; sempre dialogou com todos os segmentos políticos, inclusive com os militares durante os anos de repressão da ditadura.

Acima de tudo isso, estava seu objetivo principal, do qual nunca se desviou: sua carreira política. Nas decisões de enfrentar ou recuar diante dos militares, em especial durante seu mandato de prefeito até ser cassado em 1969, ou mesmo em outros momentos em que precisou tomar decisões importantes na relação com seus eleitores, correligionários e adversários, Iris levava em conta o que era melhor para seu projeto político. Ele considera que ajudar os mais humildes é a essência de sua missão e para isso destaca sua coragem de mexer com “os grandes”, tomando medidas impopulares. Paralelamente, nunca descuidou de sua relação pessoal com o povo. Quando vereador, depois deputado e até como prefeito, ele recebia dezenas de pessoas em sua casa e na prefeitura com os mais variados tipos de pedidos. Os mutirões, iniciados quando foi prefeito na década de 60 e mantidos até hoje, são um meio de manter contato direto com o povo.

Ao adquirir seu “*corpus* de saberes”, lapidando sua vocação para a política e reforçando sua liderança carismática, Iris destacou-se no campo político e, então, conseguiu reunir as condições políticas para aquele passo que tanto desejava, construir uma carreira política sólida, que lhe permitiu passar por vários momentos da história política goiana até completar 50 anos de carreira. Sua vitória para prefeito de Goiânia em 2004, depois de duas derrotas consecutivas (para governador, em 1998, e para senador, em 2002) possibilitou-lhe recuperar a voz e a ação política, para dar continuidade à construção dessa trajetória. Essa eleição devolveu-lhe o poder, recolocou-o diante de seu grupo político como uma liderança com perspectiva de poder futuro, fundamental para recuperar o comando do partido político. Novamente, Iris construía um círculo virtuoso em sua trajetória: a vitória eleitoral, a recuperação do poder, a reconstrução do grupo político que, por sua vez, sustentaria seus projetos políticos futuros. Aos 76 anos de idade, Iris mais uma vez utiliza-se de suas habilidades, de seu “*corpus* de saberes”, para dar seqüência à sua carreira. Ele tem projetos políticos futuros, porque não planeja aposentar-se. Ele só vai parar de fazer política, conforme declarou a esta autora, quando morrer. 🐣

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- FABRINI, Regina. “Das linhas incertas onde a vida se insere.” In: HISGAIL, Fani (Org.). *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hacker Editores, Cespuc, 1996.
- FEITOSA, Charles. “Labirintos: corpo e memória nos textos autobiográficos de Nietzsche.” In: LINS, D. e GADELHA, S. (Orgs.). *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Tradução de Marcos de Castro. São Paulo: Editora Record, 1999.
- MIGUEL, Luis Felipe. “Capital político e carreira eleitoral: Algumas variáveis na eleição para o Congresso Brasileiro.” *Revista Sociologia Política*, Curitiba, jun. 2003, p. 115–134.
- MONTERO, Rosa. *A louca da casa*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares.” *Projeto História. Revista de Estudos Pós-Graduados em História*, Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 10, 1993, p. 7–28.
- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- VOLDMAN, Danièle. “Definições e usos.” In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*, 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Economia e sociedade*. Fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Johannes Winckelmann. Brasília. Editora da UnB, 1994.